

Fundação Getulio Vargas

Veículo: O Globo - RJ

Data: 11/08/2016

Tópico: CPS

Página: Capa/1,2

Editoria: SEGUNDO
CADERNO

FLÁVIA OLIVEIRA

As favelas têm muitas
Rafaelas para revelar.

SEGUNDO CADERNO

**Se faltava
evidência dos
tesouros nas
comunidades,
está aí
Rafaela Silva**

pág. 2
FLÁVIA OLIVEIRA



flo.coluna@gmail.com

FLÁVIA OLIVEIRA

No centro, a periferia

Em recente passagem pelo Rio de Janeiro, onde participou de riquíssimo debate da Flupp, a Festa Literária das Periferias, Lilian Thuram, zagueiro da seleção francesa campeã da Copa de 1998, hoje ativista contra o racismo, presenteou esta colunista com um mapa-múndi, no mínimo, instigante. A carta, criação do laboratório de pesquisa geopolítica Lépac, apresenta a Terra com a África no centro e, ao norte, o que conhecemos como Hemisfério Sul. É, literalmente, o mundo de cabeça para baixo, numa representação gráfica que convida a pensar a Humanidade tendo como protagonistas aqueles que a História oficial secundarizou.

Pois o mapa de Thuram foi das primeiras imagens pinçadas dos arquivos da memória quando começaram a pipocar nas redes sociais os posts-exaltação à Cidade de Deus, após a conquista do ouro olímpico pela judoca Rafaela Silva. O pódio da carioca mulher-negra-favelada foi a materialização do mundo de ponta-cabeça proposto pelo ex-zagueiro francês. Pela pegada forte da campeã, os brasileiros conseguiram identificar na favela o que ela sempre foi — e jamais deixará de ser. A CDD, em particular, e as comunidades populares, em geral, são territórios de potências, não de carências.

Um tempo atrás, escrevi neste espaço sobre o equívoco de chamar moradores de favela de população carente. Carência é conceito amplo, que requer qualificação, complemento. Não é restrito aos que moram em áreas de urbanização precária, baixa renda e/ou indicadores sociais aquém da média. Fosse assim, não existiria um só rico ou doutor carente. E, sim, eles existem.

Impor à favela a camisa de força da carência é não reconhecer nela a capacidade de produzir redes de solidariedade e afeto, atividade econômica, empreendedorismo, arte e cultura, medalhas olímpicas. Falta de infraestrutura, segurança e serviços básicos, escassez de oportunidades de ascensão social são mazelas que o asfalto legou às comunidades populares. Ainda assim, elas resistem e exibem talento, versatilidade, capacidade de superação.

Da Cidade de Deus, por exemplo, além de Rafaela Silva, saíram o rapper MV Bill, fundador da Central Única de Favelas (Cufa), a funkeira Tati Quebra Barraco, Michel, dançarino do passinho, o escritor Paulo Lins e a moeda social CDD. Eles não são coincidências, pontos fora da curva ou exceções que confirmam a regra. São potências que o Brasil elitista e eurocêntrico finge não ver, porque prefere a segregação à igualdade. Como eles, há milhares. Se não têm reconhecimento ou visibilidade, é porque o país ainda é preso às representações sociocultural e econômica de meio milênio atrás.

O professor Helio Santos, militante histórico do movimento negro e presidente do conselho do Fundo Baobá para a Equidade Racial, costuma dizer que a periferia, o povo preto brasileiro são “puro ouro”. O problema, ironiza, é que o país se acostumou às bijuterias. Apequenou-se, portanto. Se faltava evidência dos tesouros guardados nas comunidades, está aí Rafaela Silva. A judoca é inteiramente feita do metal precioso que cobre sua medalha olímpica.

O economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (CPS-FGV), descobriu pelo Censo 2010, do IBGE, que mais da metade (51,6%) dos 38 mil moradores da Cidade de Deus tem de zero a 29 anos. São crianças, adolescentes e jovens que, devidamente incluídos socialmente, ajudarão a garantir o futuro de uma cidade que, já neste 2016, começa a perder população em idade ativa e ampliar a participação dos idosos: “Não se trata somente de justiça social. Do ponto de vista econômico, é fundamental investir na juventude, porque virá dela a força de trabalho que vai sustentar o Rio, e também o país, daqui em diante”.

A comunidade que pariu nossa medalhista olímpica surgiu nos anos 1960. É produto da política de remoção do governo Carlos Lacerda, que empurrou moradores de favelas da Zona Sul para áreas distantes do coração socioeconômico da cidade. Ironicamente, foi na direção da Cidade de Deus que a capital fluminense acabou caminhando, a ponto de o palco principal dos Jogos 2016, o Parque Olímpico, ficar a menos de dez quilômetros de distância. É a periferia — agora iluminada pelo ouro de Rafaela — no centro, como propôs o mapa de Lilian Thuram.

Cidade de Deus e Jacarezinho e Alemão e Rocinha e Maré (todas no RJ) e Paraisópolis (SP) e Susuarana (BA) são favelas prontas para revelar suas riquezas ao Brasil e ao mundo. É questão de integrar, em vez de excluir; de agregar, em vez de discriminar; de acolher, em vez de repelir; de respeitar, em vez de reprimir.

Assim, seremos campeões. ●

2^a JOSÉ EDUARDO AGUALUSA	3^a MARCUS FAUSTINI	4^a FRED COELHO	5^a FLÁVIA OLIVEIRA	6^a ZÉLIA DUNCAN	SAB MARCIO TAVARES D'AMARAL	DOM FERNANDO GABEIRA
---	--	--	--	---	---	-----------------------------------